



Artistas prestes a se apresentar no palco do Circo Stankowich, em São Caetano do Sul, na Grande São Paulo

O CIRCO CHEGOU

O Circo Stankowich, o mais antigo do Brasil, veio da Iugoslávia em 1870 e segue na mesma família há sete gerações. Agora, pela primeira vez, é administrado por uma mulher e se apresenta pelo interior de São Paulo com equipe 90% feminina

POR MARIANA GONZALEZ
FOTOS ISABELLA VALENTINI



“E

“EU NÃO GOSTO QUE ME DESAFIEM. Se alguém me diz: ‘Mulher não cuida de circo’, eu respondo: ‘Agora é que eu vou cuidar.’” Quando ouviu do tio que não poderia administrar um dos circos da família, que estava parado, Kamila Stankowich encarou a proibição como “uma alavanca”. Era início de 2023 e a lona do circo Stankowich estava parada há dois anos, em um terreno onde o mato já criava raiz e corroía as rodas dos trailers. Ela sentiu “o peso da responsabilidade” – o nome do circo e seu sobrenome, afinal, não são idênticos por coincidência. Ela é a sétima geração da família de origem iugoslava que veio para o Brasil em 1870 e nunca se desfez do circo, que foi passando de geração em geração, até chegar a seu pai, Márcio Stankowich. Essa é a primeira vez em mais de 150 anos que o circo – ao que tudo indica, o mais antigo do Brasil – é administrado por uma mulher.

Kamila Stankowich assumiu as rédeas do circo depois que seu irmão, Márcio Stankowich Junior, faleceu vítima de câncer e seu pai adoeceu após contrair covid-19, tudo em 2021. “Fiquei sozinha com a minha filha, minha mãe e minha irmã. E só dois funcionários, porque os outros se mudaram durante a pandemia. Eu não tinha condições de reabrir naquele momento, com tanta tragédia, então fechamos o circo e fomos para outro Stankowich, do meu tio [nos anos 2000, o circo Stankowich se dividiu em dois, *Pink e Gold*, e os dois pertencem à mesma família], mas aquilo me doía muito. Queria seguir com o circo, e meu tio desencorajava. ‘Deixa o circo lá, Kamila, não é hora, e você é mulher. Mulher não sai com circo.’”

“Administrar um circo é um trabalho pesado. Envolve montagem e desmontagem de equipamentos de madrugada, muito peso, dirigir trailer, caminhão, trator. Talvez por isso ainda seja um universo tão masculino,

Aos 42 anos e mãe de duas crianças, Kamila Stankowich administra o circo e se apresenta como mágica em todos os espetáculos. Por ser mulher, foi desencorajada a assumir as duas funções, afinal, como ouviu de familiares, “mulher não sai com o circo”. “É difícil manter isso aqui de pé. Às vezes, penso em parar. Mas estamos aqui, tentando continuar”, diz

em que as mulheres estão ali só como artistas, para brilhar, e não para administrar. Mas a mulher também sabe pegar no pesado”, diz. Com o apoio da mãe e da irmã, Kamila recolheu a lona, os trailers e todos os equipamentos e passou três meses reerguendo seu circo. “Tudo sem verba, só com amor e carinho”, lembra. Em 5 de maio de 2023, o Circo Stankowich reabriu, com três mulheres à frente da administração: Kamila, sua irmã Érika e sua mãe, Zelândia. O pai viaja com elas, mas cumprindo algumas funções mais leves, em razão da saúde debilitada. Dias depois da estreia, uma surpresa: Kamila descobriu que estava grávida de seu segundo filho, mas seguiu viagem. Hoje ela é mãe de Alice, de 9 anos, e Theo, de 9 meses.

Todas as noites, ela ainda exerce uma função que passa longe das burocracias da administração: é mágica. Usa um fraque prateado para fazer números de ilusionismo, especialmente aparecer e desaparecer seus assistentes. Ela conta que sempre foi trapezista, mas que assumiu a função há 15 anos, por acidente, e se encantou. “Eu queria ser mágica, mas não me deixaram, porque tinha que ser homem, então escolheram meu cunhado e eu fiquei de assistente, entrando na caixa para ele me serrar ao meio. Em um dia de mudança, ele teve que ir na frente, não voltou a tempo do show e eu assumi o posto”, lembra. “E me encontrei como mágica. Hoje, depois dos 40 e de ter dois filhos, não teria mais pique para fazer trapézio.”

TRADIÇÃO: AS CRIANÇAS NO CIRCO

Alice e Theo, filhos de Kamila, não são as únicas crianças no Circo Stankowich. Ao todo, oito pequenos vivem nos trailers, com pais e mães artistas. Assim como eles, a maior parte dos artistas circenses não conhece uma vida que não seja itinerante. *Marie Claire* entrevistou outras mulheres que se apresentam e todas são nascidas no circo. Ingrid Mendanha Monteiro, uma das trapezistas, nasceu no Circo Moscou e chegou ao Stankowich há quatro meses, com os filhos Gustavo, de 11 anos, e Isabella, de 8. “O circo é um mundo mais seguro para criar meus filhos. Eu estou aqui, me preparando para me apresentar, e os vizinhos estão de olho neles. É uma comunidade e todos ajudam a criar as crianças.”

Por lei, adolescentes a partir de 14 anos só podem participar das atividades do circo como menor aprendiz; neste caso, não podem exercer trabalho noturno ou considerado perigoso. Antes dessa idade, é proibido. “Pode criança na televisão, no teatro, em tudo que é lugar, mas no circo não pode”, lamenta Kamila. Ela conta que uma das tradições mais importantes do circo é justamente transmitir a arte de pai para filho – ou, no caso do Stankowich, que tem uma equipe 90% feminina, de mãe para os filhos.

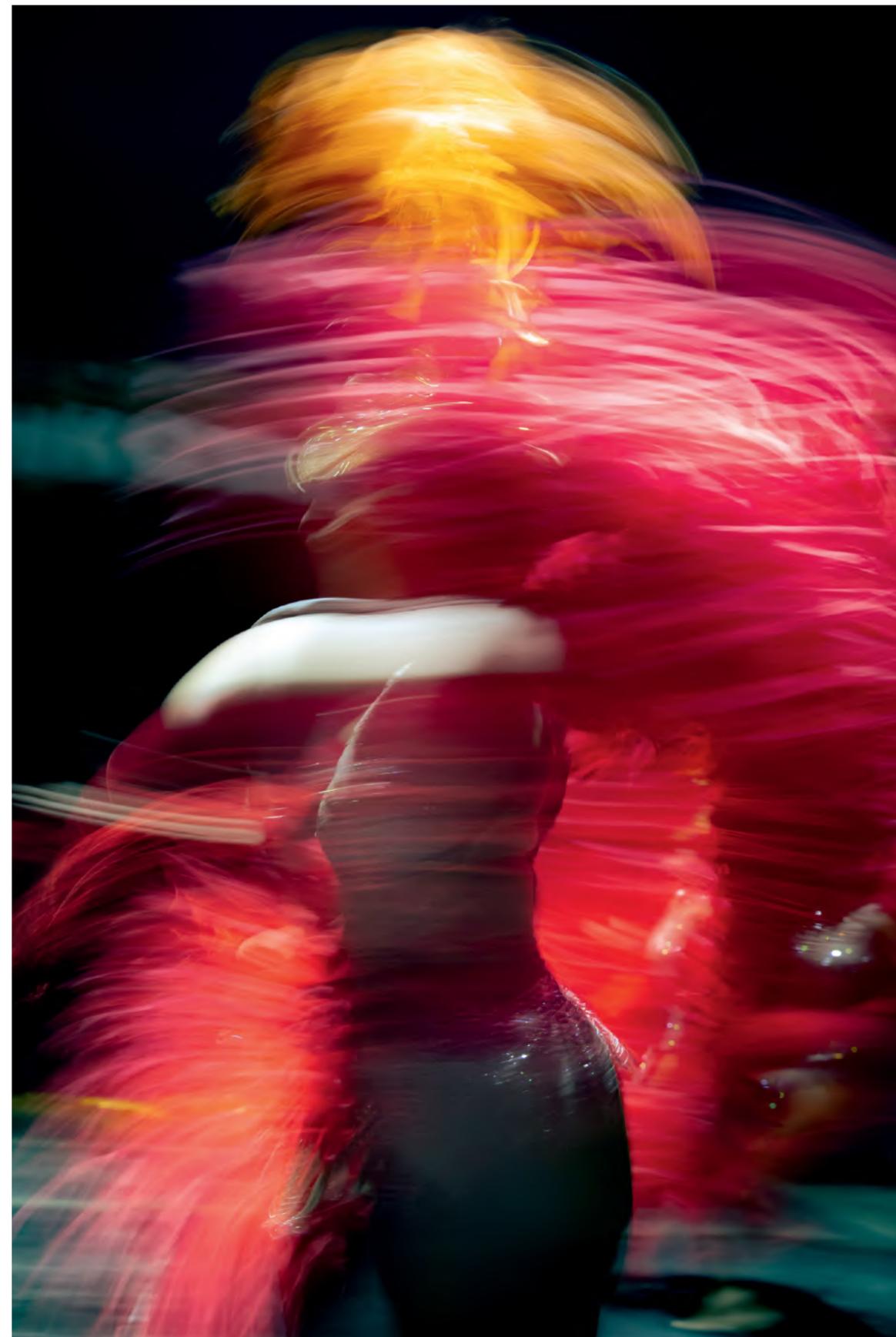
Com exceção de Alice, que vez ou outra faz uma participação especial e sai de dentro de uma caixa no comecinho do espetáculo, junto com sua mãe, nenhuma outra criança se apresenta. Mas, nos bastidores, elas aprendem as artes do circo – minutos antes do show, vimos bailarinas ensinando passos para as meninas. “A criança de circo aprende um pouco de tudo. Primeiro, alongamento, postura, alguns passos de balé. Depois, vai se especializar no que ela quiser”, explica. Estudar é inegociável. Sempre que o circo muda de cidade, a cada dois meses, em média, as crianças são matriculadas em uma nova escola. “Todas precisam estudar, é lei. A gente não contrata ninguém se os filhos não vão à escola”, garante Kamila. Ela conta que, em sua época de escola, o circo rodava mais e, por isso, manter a disciplina escolar era mais difícil. Não raro, passava três ou quatro dias numa escola e depois mudava

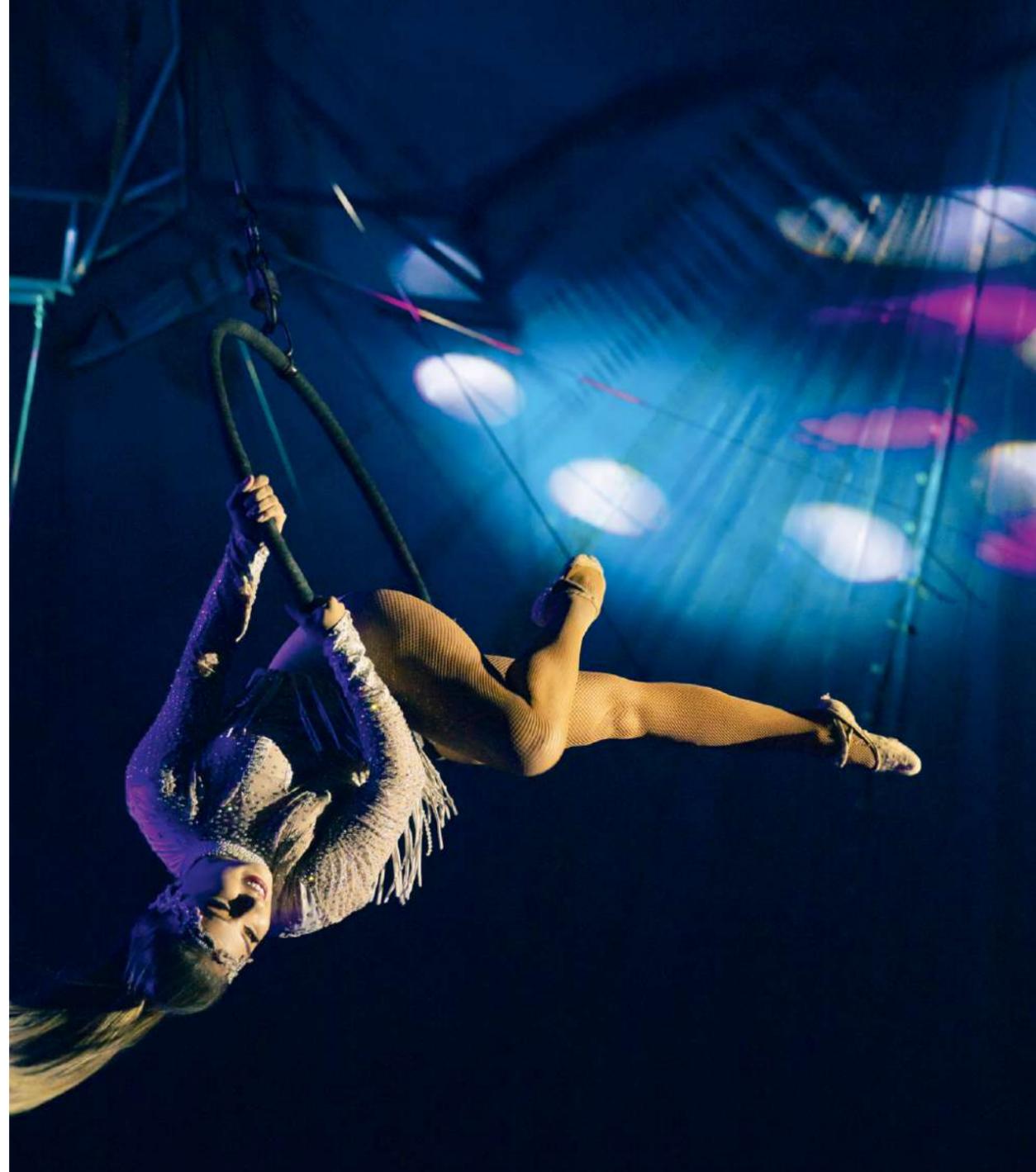


de novo. Ela chegou a estudar na Argentina, no Uruguai e no Paraguai, porque o Stankowich viajava na fronteira. Quando terminou a escola, fez Faculdade de Marketing à distância. “Hoje, adulta, vejo que foi muito bom ser uma criança de circo, porque a gente é livre aqui dentro”, diz.

Em determinado momento, quando tinha 17 anos, seus pais se separaram, e sua mãe decidiu se mudar com os três filhos para um apartamento em São Paulo. A mãe de Kamila, Zelândia, vem de uma “família tradicional, de médicos”, nas palavras dela, mas se apaixonou por Márcio, se casou e passou a viver com ele no circo. “Não aguentei dois dias em São Paulo. Sentia desespero naquele apartamento cheio de paredes”, lembra. “Numa sexta-feira, falei para a minha mãe que passaria o final de semana no circo, com a família, e nunca mais voltei.” Mais tarde, Zelândia também voltou ao circo; o casal segue separado, mas trabalhando junto.

Ana Patrícia Oliveira (ao fundo da imagem à esq.) nasceu no circo. Chegou com os pais ao Stankowich aos 12 anos, mas, até um ano atrás, relutava em entrar no picadeiro; só aparecia fantasiada dos pés à cabeça de algum personagem. O motivo? Está no espectro autista e prefere evitar multidões. No dia em que a reportagem assistiu ao espetáculo, no entanto, era parte do balé, ao lado de outras quatro bailarinas. “Me ensinaram a olhar para a frente, sem olhar para ninguém, e agora consigo me apresentar”, diz





PRODUÇÃO EXECUTIVA VANDECA ZIMMERMANN

Ingrid Mendanha Monteiro (à esq.) e Rosabelen Pisfil, chamada de Rosa (à dir.), chegaram ao Stankowich neste ano, acompanhadas de seus filhos, todos ainda crianças. As duas nasceram e se criaram em circos. A primeira veio do circo de sua família, em São Paulo capital; a segunda, de um grande circo em Lima, capital do Peru. "Para mim era uma brincadeira, um mundo mágico", conta Ingrid, de 27 anos. "Minha paixão sempre foi a altura, a adrenalina. Não me vejo fora do circo. Na pandemia, com tudo parado, sofri bastante", fala

As artistas que ouvimos lamentam que o circo não esteja mais no auge. Elas acreditam que a internet e outras tecnologias tomaram esse lugar e percebem o público cada vez menor. Na sexta-feira em que a reportagem de *Marie Claire* assistiu ao espetáculo, em São Caetano do Sul, no ABC Paulista, não mais do que 20% da plateia estava ocupada. "Eu sinto muita dor por isso. Se eu pensasse em dinheiro, já tinha mudado de profissão, porque manter o circo de pé é bem difícil e muita gente não dá valor. Às vezes, a gente pensa: 'Vamos fechar'. Mas estamos aqui tentando continuar", desabafa Kamila. Se depender da próxima geração de artistas, a lona não volta a ficar encostada: durante a entrevista, Alice, de 9 anos, apareceu e contou o que quer ser quando crescer: artista de circo. "Desde bebezinha, eu brinco com o bambolê. Agora, me deu vontade de fazer gota [modalidade de acrobacia em tecidos] e força capilar." ■